



Capítulo 1

JESUS DE NAZARÉ: O PONTO DE TRANSIÇÃO

Todos nós precisamos de heróis – pessoas para as quais podemos olhar, que nos inspiram a nos tornarmos seres humanos melhores. Quando eu era muito jovem, familiares bem-intencionados me davam muitos livros sobre a história do mundo antigo. Ao ler os livros, me tornei fascinado por algumas das grandes histórias do período clássico. Fiquei encantado pelo livro de Homero, *A odisseia*, e seu personagem central, Odisseu. Mas meu personagem favorito era Alexandre, o Grande. Eu lia as histórias de suas conquistas com enorme entusiasmo: tinha encontrado alguém muito interessante, que me parecia ser um ótimo modelo. Só quando fiquei mais velho que percebi que havia um lado obscuro em Alexandre também.

Na minha juventude, eu assumi que os cristãos eram pessoas que olhavam para Jesus como modelo de suas vidas, assim como eu adorava Alexandre, o Grande, como ídolo. Pessoalmente achava muito difícil entender o porquê disso! Ele certamente era alguém que tinha algumas coisas boas para se falar, mas me parecia que os cristãos tinham inflado sua importância. Eles adicionaram uma série de ideias estranhas, o

que dificultava tê-lo como qualquer modelo, porque eu acreditava que a essência de ser um modelo a ser seguido era que este tinha que ser igual a mim – só que melhor. Meus heróis eram pessoas que me faziam querer imitá-las.

Então por que o cristianismo falava sobre coisas como Jesus ser “verdadeiramente divino”? Isso estava tornando uma coisa muito simples em uma desnecessariamente complicada. Cristianismo certamente era sobre aproximar nosso comportamento do que nos contava o Novo Testamento sobre a vida e os ensinamentos de Jesus, que era um bom professor religioso e moral – nada mais que isso. Natal era simplesmente a época do ano em que os cristãos lembravam seu nascimento, e a Sexta-Feira Santa era o dia em que lembravam sua morte. Já a Páscoa era um mistério para mim.

Assim como reagi contra a religião em minha adolescência, era inevitável que também reagisse contra Jesus. Porém, apesar de minha hostilidade contra as pessoas que professavam a fé ter me levado a suspeitar de Jesus, eu não podia evitar perceber a qualidade enigmática e perduradora dele. Eu tinha um sentimento de que estava faltando alguma coisa, mas não sabia exatamente o que era. De qualquer forma, havia outras coisas para me preocupar, como me preparar para estudar Ciências Naturais na Universidade de Oxford. Então parei de pensar em Jesus. Esperava que esse fosse o fim do caso.

Mas não foi. Durante meu primeiro ano em Oxford, gradualmente percebi que o ateísmo era sem vida e obscuro, enquanto o cristianismo era rico intelectualmente e vibrante. Ainda tenho dificuldades para pôr em palavras o que me chamou à fé. Conversas com amigos me ajudaram a entender que eu havia compreendido mal a mensagem do cristianismo. Eu tive a sensação de estar de pé em uma praia diante de um oceano enorme, que se prolongava além do que minha visão alcançava e, assim como Evelyn Waugh antes de mim, comecei o processo inovador e encantador de exploração da minha fé recém-encontrada. Com o tempo, cheguei a perceber o quão especial Jesus de Nazaré realmente era e nas páginas a seguir gostaria de demonstrar algumas das ideias e maneiras de abordar o tema que me ajudaram, na esperança de que servirão de algum modo a você também.



JESUS DE NAZARÉ: O PONTO DE TRANSIÇÃO

Na década de 1950, me encontrava na casa de campo de meus avós na Irlanda. Estava muito frio. O vidro da janela de meu quarto estava congelado, e nada se via através dele. Havia figuras muito bonitas e delicadas no gelo que cobriam minha janela – espirais, estrelas e redemoinhos –, mas elas me impediam de enxergar o que havia lá fora. Então peguei um pedaço de pano e comecei a limpar a superfície da janela. Em pouco tempo, havia limpado o suficiente para conseguir enxergar o que havia adiante: campos e capim brancos, que se prolongavam até o infinito e brilhavam com a geada.

Todos que estão lendo este livro conseguem pensar em uma história semelhante. Talvez você estivesse tendo dificuldade para regular o telescópio quando, de repente, o que era um ponto embaçado se tornou uma paisagem clara e vívida, ou você se lembrasse de um momento em que questões ou eventos confusos se alinharam em um padrão coerente. É como se alguém tivesse ligado a luz e aí você consegue ver como as coisas se encaixam pela primeira vez. Há diversos momentos em que simplesmente não conseguimos descobrir e entender como as coisas se encaixam. Precisamos que alguém nos conte. Ou nos demonstre.

Essa é a dificuldade humana. Ao vivermos em um mundo cheio de neblina, sombras e luzes fracas, sabemos no nosso interior que existe um Deus e desejamos conhecer o caráter *real* desse Deus. O salmista expressou sua convicção de maneira brilhante ao escrever: “Eu creio que verei a bondade do SENHOR na terra dos viventes” (Sl 27.13), e essa mesma ideia é demonstrada várias vezes no Antigo Testamento.

O povo israelita sabia que existia um Deus. Chamavam-no pelo nome – o “Senhor Deus de Israel”. Esse é um Deus fiel, em quem podiam confiar, cuja glória era refletida por meio da beleza e majestade do mundo natural. Porém, muitas vezes, esse Deus parecia distante da realidade de cada dia, e talvez isso nos ajude a entender por que Israel desejava que seu Deus se aproximasse deles – os visitasse.

O último livro profético do Antigo Testamento, Malaquias, expressa esse desejo de Israel por meio de palavras bonitas e angustiantes: “Virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais” (Ml 3.1). Mas, com o passar dos séculos, parece não acontecer nada. O Deus que é o

desejo do coração do povo de Israel nunca vem. Talvez ele tenha se esquecido de Israel. Talvez não haja Deus para se esquecer de Israel em primeiro lugar.

Daí tudo muda. Alguma coisa *acontece*. E depois, para aqueles que sabem de seu significado, o mundo se torna muito diferente. O Novo Testamento e os credos não nos deixam dúvidas sobre o que é esse evento – vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré.

A história de Jesus de Nazaré

Histórias engajam nossa imaginação, muitas vezes abrindo maneiras novas e mais profundas de pensarmos para explorarmos. A história de Jesus de Nazaré talvez seja a mais cativante já contada. Os quatro Evangelhos têm como missão contar essa história e, ao contarem-na, dão ideias sobre Jesus – que são afirmadas e examinadas mais profundamente na pregação cristã antiga (Atos dos Apóstolos) e nos ensinamentos antigos (várias cartas do Novo Testamento).

A história de Jesus não pode ser contada isoladamente, mas se conecta com outras histórias: uma tem a ver com a criação de Deus do mundo, outra fala sobre o chamado de Deus a Israel e uma terceira nos conta sobre a busca humana por significado e sentido na vida. A história de Jesus se encontra com todas as outras três. A dele é a história que nos permite enxergar as outras histórias com sua própria luz. A filosofia grega e as leis israelitas foram cumpridas e transcendentadas nesse único indivíduo, que declara: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17). Sabedoria humana e promessa divina convergem em Jesus de Nazaré.

O Evangelho de Marcos, cuja mensagem será frequentemente consultada neste capítulo, rapidamente volta nossa atenção a João Batista e faz conexão entre a aparência de João e a grande expectativa profética da vinda de Jesus. “Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho; voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas” (Mc 1.2-3). João é uma figura de transição entre a Antiga e a Nova Aliança, apontando para alguém ainda mais significativo que virá depois dele (Mc